A experiência do passe na EBP

Elizabeth Rocha Miranda

Com a fundação da Escola Brasileira de Psicanálise, cria-se o dispositivo do "Passe na Entrada", ou "Entrada pelo Passe". É o passe na Escola Brasileira de Psicanálise que não está autorizada a ter um Cartel que possa julgar o passe de final de análise. Manobras millerianas, política que por mais perversa não consegue degradar a própria experiência do passe.

Se propor a passar pelo dispositivo é se propor a fazer um depoimento de sua análise, endereçado à Escola, tal qual Lacan a formula – uma Escola cujo centro é o desejo de saber o que é o analista.

A oferta do passe é a oferta de um lugar em que o sujeito pode depositar o que apreendeu de sua análise e que a meu ver impulsiona a uma formalização clínica dessa análise. Oferta em que se suscita uma demanda porque o sujeito em questão ultrapassou o sofrimento avassalador do sintoma que o levou à análise e tem a necessidade de ir para além do sintoma, ir em direção àquilo que o causa como sujeito.

O desejo do passe adveio do entusiasmo que me tomou quando, já tendo me autorizado a conduzir análise, percebi em minha clínica algo de um vivido já ultrapassado que me permitia sustentar o ato analítico. Nesse momento talvez pudesse dizer que é como se o ato não fosse produzido pelo analista, mas algo que está dentro dele, que o atravessa, o toma, ultrapassa.

Esse vivido ultrapassado, pontos de gozo que foram apreendidos e que, se não traziam a clareza de um final de análise, têm em seu bojo a idéia desse final. Da experiência não se duvida, as retificações ocorrem à revelia do sujeito, é um caminho sem volta, mas não se tem a certeza última, como neuróticos que somos, do saber do que ocorreu em nossa própria análise. Nesse sentido, penso que a demanda de passe é uma demanda de avalizar esse saber. Demanda dirigida a um Outro, que não é suportado por nenhum outrinho e sim por qualquer outro, que sendo sorteado como passador possa compartilhar essa experiência e levá-la ao Cartel. Cartel que, como definiu Lacan, é essencialmente o lugar do saber furado.

A oferta do passe na EBP é também a oferta de entrar para a Escola, mas não a única possibilidade de fazê-lo. A escolha que fiz de entrada pela via do passe está estritamente ligada a minha relação com a causa analítica, porque o passe não está aí apenas para nomear AE, AME, recrutar membros para Escola, expor as análises, ver como andam as análises brasileiras, e sim para produzir uma clínica.

O agalma que envolve a Escola e a figura dos AE traz na AMP o brilho do poder, cuja enfatuação, na verdade, retira o *quantum* de saber que lhes é suposto. O cenário da apresentação dos AE em Paris e Buenos Aires me pareceu como a cena de exibição dos deuses do Olimpo. No passe trata-se de saber, a meu ver, a partir do que o sujeito conclui? Ou a partir do que algo do sujeito e de seu gozo se transforma? De que saber o sujeito se apropriou? E o que disso ele deixa perceber, ainda que não o saiba? Assim postulado por Lacan e desenvolvido por Colette Soler, o passe é o

passe, nem de final, nem de entrada, é uma verificação da clínica, para fazer avançar a psicanálise, no que está implícita a questão da garantia.

Existe em relação ao dispositivo, ao cartel, aos passadores, uma suposição de saber, que não é o sujeito suposto saber que conduz uma análise. Não está presente a vertente do objeto causa de desejo. Não vejo a possibilidade de uma interferência na transferência analítica, que implica a atualização, pela via da repetição inconsciente, a colocação em ato da realidade sexual do analisante. Se há possibilidade de um encontro, uma tické, no depoimento com o passador, isto não é privilégio dessa situação, na medida em que o passador é um par que pode compartilhar a experiência por estar próximo ao momento de concluir.

O Outro que está presente é o Outro capaz de julgar. É preciso ver na demanda a esse Outro que é a Escola, não uma demanda ao Outro do saber, mas que tem em seu cerne o saber como furo, o passe. Caso contrário essa demanda seria de um reconhecimento institucional, feito ao mestre, o que degradaria a própria prática da psicanálise. "O Passe não é sem efeito", nos diz Lacan. Efeito que podemos verificar naquilo em que o sujeito se experimenta como resto de sua própria ficção. O depoimento do passante tem a singularidade de se tratar de uma construção que se impõe ao sujeito a partir da clínica. É o depoimento de uma construção em análise que num só depois se articula à teoria, possibilitando que aí se apreenda o novo.

O encontro com o secretariado e os passadores

Após o término do depoimento aguardei dois anos pela resposta do Cartel e durante esse período me dirigi, como era recomendado, ao Secretário local para saber por que meu depoimento ainda não havia chegado ao Cartel. A resposta era: não se preocupe, não dê tanta importância para a Escola. Dos passadores ouvi que havia muitos depoimentos e que era difícil o Cartel se reunir, que dependiam da vinda de um francês, etc. Chega o momento da dissolução do Cartel e o meu depoimento não foi ouvido, não obtive nenhuma explicação. Fui informada, depois de muita insistência, que eu deveria ter oficialmente comunicado o término de minhas entrevistas com os passadores e que isso seria uma orientação do Secretário local, que também não sabia que deveria fazê-lo.

O que vejo nesse disfuncionamento é uma impostura por falta de seriedade e compromisso com o dispositivo, e com a Escola. Quando finalmente recebi a resposta positiva fiquei muito contente, mas confesso que durante o período de espera, já não me importava tanto o entrar para a Escola, pois dela me sentia parte, eu a escolhi. Minha análise continuava muito bem, obrigada, mas com uma preocupação maior em formalizar – formalizar não é só teorizar – o que o inconsciente apontava e também o que podia ter sido dito sem a elaboração de um saber.

O passe faz avançar porque no relato é como se sujeito, tomando distância, pois não se trata de análise, tivesse uma visão mais clara e perscrutadora de sua própria trajetória. Quinet faz a metáfora dos óculos subaquáticos, Roseli Rodella nos traz a imagem do cinema onde o espectador vê sua história sendo contada, e achei interessante

porque, para mim, foi como uma viagem de trem em que se passa por vários lugares e quando chega, o que se conclui é "tanto sofrimento por nada".

Quanto aos passadores, acredito ter sido ouvida por um deles. O outro não se dispôs a fazê-lo na medida em que pretendeu direcionar com perguntas o que eu deveria dizer. Durante as entrevistas com esse passador, fui interrompida no relato de uma passagem de minha análise, e questionada por não ter mencionado o nome da minha analista por "questões políticas". Digo que para mim isso era obrigatoriamente sabido e continuo o que dizia. Só depois é que "questões políticas" me fizeram interrogar, quais seriam?

Esse mesmo passador, ao tomar conhecimento que deveria, mesmo após a dissolução do Cartel, fazer o relato para o novo Cartel, propôs que eu fizesse novas entrevistas, pois já não sabia o que transmitir, havia passado muito tempo. Em minha opinião esses disfuncionamentos são a conseqüência do fato de que na AMP o conceito de Passe está articulado com a Instituição e não com o final de análise ou com a verificação do desejo de analista.

O caso

A chegada do sujeito ao mundo é envolta no mito familiar segundo o qual do lado do pai recebe o nome de rainha, posição destinada às mulheres da família paterna, desde que se mantivessem lindas e companheiras a serviço de seus homens. Do lado materno, que viessem perfeitas, pelo fantasma da mãe, que não se acreditava capaz de gerar um filho sadio, devido a uma doença infantil que deixou seqüelas. Nasce o bebê, sadio, em um parto falado e decantado como impossível. Chega ao mundo como um presente que, dado à família paterna, faz valer aí a posição da mãe. Objeto precioso, de troca, tantas vezes dado e retomado a cada ameaça de separação dos pais. Objeto de gozo do Outro, que o sujeito tenta barrar com a conversão no corpo de uma dor nas pernas que o impedia de andar, de ir e vir nessa troca. Dor amarela, significante sem sentido, tantas vezes repetido como gracejo de criança e que toma seu sentido no decorrer da análise. "Amar ela". Dor de amar/ ser amado.

Um primeiro casamento e filhos aos dezessete anos, tampona a angústia avassaladora que acompanha a vida do sujeito, infância e adolescência. Angústia que surge após a perda do avô paterno aos cinco anos. O sujeito cai do lugar fálico no desejo da mãe, ocupado agora pelo irmão homem e dessa vez só dela. Ouve então o vaticínio materno "agora você entra nos eixos, acabou seu reinado". À perda dos avós o sujeito responde perdendo a voz, sintoma que se localiza no nível de um não poder dizer, dizer que, sempre denunciador, o excluí da família paterna. Não "poder dizer" que se desdobra em não "poder saber".

O sujeito tenta escapar à questão do desejo do Outro preenchendo o vazio desse desejo com suas demandas, rebaixando o enigma do desejo do Outro com demandas ao Outro. Demanda que se revela radical na exigência de um amor absoluto, nunca satisfeito.

A busca incessante do Um do amor, sempre depositado pela via do imaginário, sob o significante brilhante "o brilho do saber" impede o desejo de saber. Saber colocado no Outro, como forma de amar, mas que, pondo-o a trabalhar, permanece na insuficiência. O saber do Outro, sob a demanda de amor absoluto, escamoteia a falta, mas por outro lado, colocado sempre como insuficiente, faz com que o sujeito gire em torno dele e ponha a vida a serviço do fazer faltar.

A entrada em análise é determinada por uma perda amorosa, em que o sujeito cai do lugar de objeto único e precioso. Relação que fantasmaticamente repetia a situação da vinda do sujeito ao mundo, lugar que ocupava em sua fantasia no desejo do Outro. "O presente".

Perda que produz a irrupção da pulsão como presença de gozo, através de ciúmes irracionais e enlouquecidos por uma mulher em que o sujeito localiza o mistério da feminilidade no significante "livre", mulher livre. Significante que desliza para outro significante "polaca", que não encontra sentido e que permanece como enigma, por um longo tempo.

Adquire várias significações, até chegar a tocar o real indizível para o qual apontava. "Mulher livre" era o modo como a família se referia a uma tia materna, "dona de seu nariz" e branca como boneca de porcelana. "Detentora do saber sobre o ser mulher". Entre rainha e polaca o sujeito constitui o seu sintoma.

Pele clara, branca como porcelana, significante que inconscientemente determina a escolha da analista.

Essa tia é também objeto de horror, pois faz crer às amigas da mãe que o sujeito era sua filha. Situação que remetia ao gozo do Outro materno sob a forma de permissividade.

A divisão sintomática e a emergência do real, no encontro faltoso com o parceiro, põem em xeque as identificações do sujeito histérico que tomam no caso a forma de uma inconsistência sofrida, uma dolorosa incerteza sobre o que pensa, o que quer, sobre o seu próprio lugar, perdida em uma inadequação radical.

A crença em ser o falo é no sujeito histérico um parecer ser que não convence. É sempre mais falida apontando para o real indizível e para o horror da castração. Horror de que sob a máscara da falicização só haja o orgânico ao qual se reduz o corpo dessexualizado. Ameaçado pela possibilidade de recair no estado de gozo puro, para ele apavorante, no qual se veria como objeto, uma vez que há o fracasso do recalque. O recalque não tem êxito absoluto, pois se assim fosse, todas as reminiscências estariam simbolizadas no inconsciente e todo real seria transportado para a realidade sexual.

Num primeiro tempo de análise, o sujeito reconstitui um ser pelo apaziguamento do sintoma. Sob transferência, o sintoma toma seu sentido gozoso, essa demanda excessiva que implica em tudo fazer, em tudo dar por um homem para conservá-lo, mas na posição de aniquilado.

O sintoma como repetição posta em ato do gozo do Outro materno, no aniquilamento ao homem, no caso o pai, e a si mesma, porque se uma mulher sem homem é devastada, também não pode viver sem ele, traz o decifrамento que não dá

conta da questão pulsional, que persiste, sob a forma de um gozo mortífero que horroriza e atrai o sujeito. O gozo está justamente no "prazer no desprazer" e conotado de uma satisfação que busca o encontro doloroso com a "Coisa" que faz perder o equilíbrio.

Há uma mudança em relação à localização do gozo mas o *quantum* de libido aí persiste fixada.

Um segundo tempo de análise se dá quando a fantasia do sujeito é tocada "por uma porta que não se abre".

Após o relato de um sonho de angústia, no qual "a analista se perde na multidão e o sujeito vê sua cabeça (a do analista) sumir". Na sessão seguinte a analista, 'estando no consultório', não a recebe. Isso remete a uma lembrança infantil em que o sujeito sabe que a mãe está no quarto com o irmão e fica na soleira da porta, impedido de entrar. O que o sujeito conclui é que "goza impotente na soleira da porta, como presente trocado". Presente trocado, objeto de troca, troco, resto. A voz que se perde diante do olhar do Outro dirigido ao "presente", deixado cair na "soleira", se presentifica no significante "dor amarela", dor de amar, e o sujeito permanecia petrificado na impotência de poder saber dizer. O esvaziamento do gozo e a queda das identificações promovem uma mudança na demanda que implica a possibilidade de recuperar por um meio diferente a pulsão. O que se verifica é que o ato do analista que não recebe o sujeito, toca a fantasia, e a marca de exclusão, apanágio da neurose esvaziada de gozo, se transforma em marca de rebotalho, presentificando a impossibilidade, deixando cair a impotência. O que surge é o desejo de transmissão do possível de saber.

O desejo do analista, desejo de desejante e não de desejável, é para além do Édipo e advém do encontro com a inconsistência do Outro. É a presentificação de uma falta real que funciona com causa de desejo. A relação com esta falta permite ao sujeito suportar a suposição de saber que lhe é atribuída pelo analisante.

Com o seu ato o analista introduz a questão do desejo, desalojando o sujeito do lugar fixado na fantasia. A neurose mantinha o sujeito preso em um circuito-fechado em que o desejo era sabotado.

O gozo pulsional não mais fixado, permite ao sujeito uma nova forma de laço social.